



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

IDEOLOGIA, SENSO COMUM E CONHECIMENTO CRÍTICO

Daniel Santos Mota¹²
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida**
(UESB)

RESUMO

Este artigo pretende fazer uma crítica da produção ideológica do conhecimento e do senso comum, utilizando como principal referência *A ideologia alemã*, de Karl Marx e Friedrich Engels. O texto trata a questão da ideologia na perspectiva destes autores, ou seja, de uma consciência parcial, fetichizada acerca da realidade. No que se refere ao senso comum, é tratado como uma forma de consciência capaz de permitir aos indivíduos o exercício de determinadas atividades cotidianas, mas que, no geral, limita a compreensão a formas ideológicas, por essência parciais, enquanto a produção do conhecimento procede uma crítica rigorosa da realidade, buscando na totalidade dos objetos a sua verdade histórica.

PALAVRAS-CHAVE: ideologia, senso comum, conhecimento crítico.

INTRODUÇÃO

Em tempos de crise, vemos proliferar quer seja através dos meios de comunicação ou do meio acadêmico uma grande quantidade de ideologias que surgem para tentar justificar ou explicar, de forma limitada ou tendenciosa, as manifestações deste fenômeno no seio da sociedade. O que questionamos aqui é o

¹² Licenciado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), componente do Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes (GEILC). E-mail: danielsff@gmail.com

** Orientador. Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP, docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pesquisador do Museu Pedagógico/UESB e do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais – PUCSP. Bolsista da Capes, BEX 6825-14-1. E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

caráter ideológico da pretensa produção científica, que está, quase sempre, vinculada aos interesses da classe dominante da sociedade capitalista na manutenção da ordem vigente, e que contribui para produzir o senso comum, que é, geralmente, uma forma mistificada de conhecimento.

Para compreendermos o papel da ideologia na sociedade de classes, recorreremos principalmente à Marx e Engels (2013), que partem da concepção de ideologia do seu tempo, para demonstrar que este fenômeno está associado ao domínio de uma classe sobre o conjunto da sociedade, através de uma versão parcial, incompleta e fetichizada da realidade e que brotam das condições materiais de existência.

Tentaremos mostrar o que é a ideologia na concepção materialista dialética da história, como é produzido o senso comum, e quais são as diferenças destes fenômenos para o conhecimento científico crítico.

A IDEOLOGIA

O conceito de ideologia não foi criado por Marx e Engels (2013), mas surgiu no começo do século XIX, enunciado por Destutt de Tracy, e pretendia ser a Ciência das Ideias, porém, por conta de disputas de interesses políticos com Napoleão Bonaparte, este conceito foi transformado pelo imperador francês, como sinônimo de pensamento desconectado da realidade, distante da prática (MARX & ENGELS, 2013, p. 548). Para os autores de A Ideologia Alemã, a categoria ideologia não quer, necessariamente, dizer uma consciência completamente falsa, mas uma ideia que tem como fundamento as relações materiais, porém, apresentando apenas a forma fenomênica dos movimentos do real ou invertendo as relações, como fizeram e fazem os filósofos idealistas, segundo Marx e Engels: “os ideólogos colocam tudo de cabeça para baixo” (2013, p. 77).

Um exemplo que podemos dar para ilustrar esta questão é o seguinte: um trabalhador que procura uma fábrica para vender a sua força de trabalho, segundo



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

a ideologia burguesa está em uma relação de igualdade com o dono da fábrica que o contrata, pois, de acordo com as regras formais estabelecidas pelo Estado todos são iguais perante a lei, todos têm o direito à propriedade e a troca de mercadorias.

Apesar da existência formal de uma suposta igualdade, a relação entre trabalhador e dono do capital se dá de forma extremamente desigual, Marx desvela a ideologia que a cerca:

Ao abandonarmos essa esfera da circulação simples ou da troca de mercadorias, de onde o livre-cambista *vulgaris* [vulgar] extrai noções, conceitos e parâmetros para julgar a sociedade do capital e do trabalho assalariado, já podemos perceber uma certa transformação, ao que parece, na fisionomia de nossas *dramatis personae* [personagens teatrais]. O antigo possuidor de dinheiro se apresenta agora como capitalista, e o possuidor de força de trabalho como seu trabalhador. O primeiro, com um ar de importância, confiante e ávido por negócios; o segundo, tímido e hesitante, como alguém que trouxe a sua própria pele ao mercado e, agora, não tem mais nada a esperar além da... despela (2013, p. 251)

A ideologia é uma expressão comum em uma sociedade alienada, uma sociedade em que as classes estão em disputa pelo poder, em que as classes dominadas não dispõem do tempo e dos meios materiais para desenvolver uma concepção própria de mundo. Deste modo, ela é utilizada como uma arma muito poderosa por aqueles que detêm o poder material, os que dominam materialmente o conjunto da sociedade podem fazer com que as suas ideias assumam uma aparência de imparcialidade e realidade, segundo Marx e Engels:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

expressão ideal [ideológica] das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (2013, p. 47)

O que eles querem dizer, é que em todas as épocas as classes que dominam a produção material dispõem das condições, sejam elas tempo ou recursos financeiros, para produzir suas ideias e principalmente torná-las públicas, através do Estado, das escolas, dos meios de comunicação e até mesmo da tão “imparcial” universidade. O que devemos compreender é que cada palavra proferida ou que cada silenciamento decorre dos interesses da classe dominante, e que se a produção científica não é capaz de construir uma crítica que alcance a essência dos fenômenos, ela contribui ainda mais com o falseamento da realidade.

É imprescindível que deixemos claro que a relação entre a realidade material e as ideias não é unilateral, quando na verdade existe um trânsito entre essas duas esferas. Após surgirem das experiências humanas com o mundo material, conforme Marx afirma: “[...] os deuses são, originariamente, não a causa, mas o efeito do erro entendimento humano” (2012, p. 87-8), determinadas ideias ascendem à um determinado grau de autonomia e influenciam de maneira direta nas atividades práticas das sociedades, vejamos:

As ideias não provem, em última instancia, nem do cérebro nem do Além, mas *da vida*, elas de fato são, em essência, reflexos sim, muito embora não se movimente, por tudo o quanto já foi dito, como meros reflexos lineares, mas como realidades que, uma vez nascidas, adquirem, na ligação com suas matrizes sociais, um movimento dotado de grande margem de autonomia e exigem método próprio de abordagem. Deus, Diabo, Inferno, lobisomem, podem não ter qualquer possibilidade de existência ou de alguma forma de existência; mas as formas ideacionais que os representam e que ainda povoam – e seguirão povoando por muito tempo – a consciência de homens e mulheres, essas existem e, uma vez internalizadas e arraigadas na consciência, são tão reais que servem de pauta para todo um comportamento prático ao longo da existência não só daqueles homens e mulheres como de sociedades inteiras, séculos após séculos. (CARVALHO, 2008, p. 116, grifo do autor)



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Ideias que tem um maior grau de autonomia influenciam de forma mais profunda a realidade, como as ideias religiosas ou a própria concepção idealista, que institui o primado da ideia sobre a matéria, de que as ideias surgem de uma “ideia absoluta”, ou de Deus. Muitas vezes os produtores do conhecimento formal incorrem nestes equívocos, abrindo espaço para todos os tipos de falácias.

Na esfera da produção formal do conhecimento não existe uma preocupação em desenvolver uma crítica que ultrapasse os limites estabelecidos pelo sistema do capital. Ao contrário, as categorias que auxiliam a produção crítica do conhecimento são rechaçadas pelos guardiões de uma pretensa imparcialidade científica conforme Mészáros aponta:

Nas sociedades capitalistas liberal-conservadoras do Ocidente, o discurso ideológico domina a tal ponto da determinação de todos os valores que muito frequentemente não temos a mais leve suspeita de que fomos levados a aceitar, sem questionamento, um determinado conjunto de valores ao qual se poderia opor uma posição alternativa bem fundamentada, juntamente com seus comprometimentos mais ou menos implícitos. O próprio ato de penetrar na estrutura do discurso ideológico dominante inevitavelmente apresenta as seguintes determinações "racional" preestabelecidas: a) quanto (ou quão pouco) nos é permitido questionar; b) de que ponto de vista; e c) com que finalidade. (...) Naturalmente, aqueles que aceitam de modo imediato a ideologia dominante como estrutura objetiva do discurso "racional" e "erudito" rejeitam como ilegítimas todas as tentativas de identificar os pressupostos ocultos e os valores implícitos com que está comprometida a ordem dominante. Assim, em nome da "objetividade" e da "ciência", eles precisam desqualificar o uso de algumas categorias vitais do pensamento crítico. Reconhecer a legitimidade de tais categorias seria aceitar o exame dos próprios pressupostos que são assumidos como verdadeiros, juntamente com as conclusões que podem ser - e efetivamente o são - facilmente extraídas. (2012, p. 58)

O que para nós fica patente é que a propagada ideia de que pode haver uma imparcialidade, não passa de mais um subterfúgio ideológico:

A coisa já assume conotação invertida quando se trata das interpretações ideológicas no âmbito do pensamento dos



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

intelectuais ligados à ordem e/ou das interpretações feitas pelos produtores de mercadorias – valores de troca. No caso das interpretações ideológicas do fenômeno sensação/percepção, o lugar das categorias científicas é ocupado pelas intenções por meio de suas categorias ideológicas (como [...] o tipo weberiano) que se perdem na fragmentação do ato sensitivo/perceptivo e na impossibilidade de capturas das determinações essenciais do fato objetivo. Aqui a ideologia distorce e tira de foco a apropriação intelectual do real concreto já na abordagem do fenômeno, e se produz e reproduz como tal. (CARVALHO, 2008, p. 85)

Ao renunciar ao uso de categorias que auxiliam a explicar o funcionamento da sociedade moderna como mais-valia, imperialismo, o valor-trabalho, os acadêmicos envolvidos em uma produção do conhecimento de acordo com as regras da “imparcialidade” não produzem senão ideologia, que para nós, se trata de uma versão parcial, fenomênica dos fatos e que tem forte influência em diversas formas do senso comum, uma modalidade ainda mais rebaixada de consciência, conforme veremos no próximo tópico.

O SENSO COMUM

Como dissemos acima, o senso comum pode surgir por influência da ideologia, mas não apenas dela, pois também pode nascer da *práxis* cotidiana dos indivíduos, como acontece, por exemplo, com os agricultores que conhecem os melhores momentos do plantio e colheita mesmo sem a posse do conhecimento científico. Nesta forma, o senso comum não tem um sentido negativo, pois auxilia os trabalhadores nos processos de trabalho. No entanto, o senso comum que aqui nos interessa é aquele que tem como matriz as relações alienadas nas relações da sociedade burguesa, na produção ideológica, ou até mesmo da má divulgação do conhecimento científico, independente desta ser feita de forma bem ou mal-intencionada. Exemplos comuns neste último caso podem ser encontrados nas ciências naturais e exatas, como compreensões equivocadas de teorias basilares da física e da biologia (como a Teoria do Big Bang e a Teoria da evolução das



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

espécies), formulações científicas totalmente desconhecidas de uma grande parte da população. Tal desconhecimento tem por raiz principal a forma de vida alienada no cotidiano dos indivíduos da sociedade de classes.

As armadilhas do senso comum são as mais diversas, afirmações sobre a democracia como o “governo do povo”, ou que “o problema do Brasil é a corrupção”, são ilusões das mais comuns entre os trabalhadores. Eles não têm as ferramentas para construir uma crítica da democracia representativa burguesa, revelando o seu caráter de classe, identificando o Estado como o comitê que gere os negócios da burguesia, e nem para compreender que a corrupção não é alienígena ao sistema do capital, aliás, faz parte do seu vasto arsenal de apropriação da riqueza produzida pelos trabalhadores.

Nas ideias do senso comum também há espaço para os “heróis”, personalidades que de acordo com a ideologia foram responsáveis por grandes feitos e mudanças na história. O fato é que a elevação destes indivíduos ao status de heróis é mais um subterfúgio ideológico que cria no âmbito do senso comum a ideia de que os indivíduos isolados podem ser responsáveis por grandes mudanças sociais.

No imaginário popular, foram semeados pela ideologia mitos como Tiradentes (uma versão completamente distinta do indivíduo histórico), Napoleão, Duque de Caxias, (que aparentemente venceram suas batalhas sozinhos), D. Pedro I (que segundo a história oficial reproduzida por décadas, foi o único responsável pela independência política do Brasil), Princesa Isabel (a bondosa princesa responsável pela libertação dos escravos, um mito que durante muito tempo foi reproduzido e defendido pelos ex-escravizados e seus descendentes, até que fosse feita uma crítica tenaz à esta ideia).

As relações mais comuns à sociabilidade capitalista, como as relações de exploração e dominação de classe também passam despercebidas ou são apreendidas de maneira fetichizada no dia a dia da maioria dos indivíduos, Kosik apresenta algumas razões para este fenômeno:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Na cotidianidade a atividade e o modo de viver se transformam em um instintivo, subconsciente e inconsciente, irrefletido mecanismo de ação da vida. As coisas, os homens, os movimentos, as ações, os objetos circundantes, o mundo, não são instituídos na sua originalidade e autenticidade, não se examinam nem se manifestam: simplesmente são; e como um inventário, como partes de um mundo conhecido são aceitos. (1976, p. 69)

Os fenômenos e as formas fenomênicas das coisas se reproduzem espontaneamente no pensamento comum como realidade (a realidade mesma) não porque sejam os mais superficiais e mais próximos do conhecimento sensorial, mas porque o aspecto fenomênico da coisa é produto natural da *práxis* cotidiana. (ibid., p. 100)

Outra questão importante, é o uso que o senso comum faz das palavras, que neste âmbito são apanhadas apenas em seu aspecto fenomênico, o que resulta em uma total confusão acerca da verdadeira natureza das relações sociais, Carvalho nos dá um excelente exemplo:

[...] o termo “trabalho” no elenco categorial da economia política de Marx, não pode ser confundido com tudo o que o senso comum entende e designa como trabalho (para o senso comum, como para a ideologia em geral, até o burocrata e o próprio capitalista trabalham): porque é necessário que tenha, pelo contrário, um significado próprio – designando a atividade por intermédio da qual o homem se apropria da natureza para produzir os meios de sua própria produção e reprodução. (2008, pp. 112-3)

Os indivíduos que compõem a classe dominada, por estarem submetidos ao ritmo da exploração capitalista, à divisão do trabalho, além das inversões ideológicas, não dispõem – em situações normais, em que as contradições sociais não estejam postas de forma aberta como em situações revolucionárias – nem do tempo nem dos recursos para romper com o senso comum no que concerne à sua situação na sociedade burguesa.

No caso da burguesia e dos apologistas da ordem vigente, não convém uma ruptura com o senso comum porque é de seu interesse a manutenção do *status quo* levantar o espesso véu da sua dominação significaria dar visibilidade à lógica contraditória do capital, a sua produção teórica perdeu todo o compromisso com a



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

crítica da realidade desde que assumiu o posto como classe dominante da sociedade, conforme Marx aponta:

Na França e na Inglaterra, a burguesia conquistara o poder político. A partir de então, a luta de classes assumiu, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras. Ela fez soar o dobre fúnebre pela economia científica burguesa. Não se tratava mais de saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo o incômodo, se contrariava ou não as ordens policiais. O lugar da investigação desinteressada foi ocupado pelos espadachins a soldo, e a má consciência e as más intenções da apologética substituíram a investigação científica imparcial (2013, p. 86)

Desta forma, é dever imperativo da classe dominada produzir o conhecimento científico acerca da sua condição e da essência da sociedade burguesa, procedendo uma crítica implacável da realidade, pois da parte da burguesia, toda produção será ideológica no que tange as ciências que se envolvam com as relações sociais fetichizadas da sociedade do capital.

O CONHECIMENTO CRÍTICO

Para nós, o conhecimento crítico é aquele que empreende uma crítica de raiz à realidade, tratando-se da produção científica que leva a compreender a realidade para além da forma fenomênica dos fatos; que atinge a essência do objeto e desvela o que ele realmente é em determinado período histórico, pois a realidade concreta é extremamente ampla e complexa, e o movimento é uma das suas principais características. O conhecimento crítico não é imutável, assim como as relações de produção e a ideologia:

Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem também os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as suas relações sociais. Assim, essas ideias, essas categorias são tão pouco eternas



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

quanto as relações que exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios (MARX, 2009 p. 126).

Deste modo, não existe na ciência verdades absolutas, mas a compreensão do funcionamento dos processos históricos. Ainda assim, a tarefa de conhecer a verdade histórica é extremamente árdua, um processo de idas e vindas do objeto para a abstração, desta última para a primeira, buscando encontrar as mediações para as tendências do seu movimento concreto. Neste sentido, a ferramenta do cientista social é a abstração, a capacidade de levar os fatos para a sua mente e lá dissecá-los: “[...] na análise das formas econômicas não podemos nos servir de microscópio nem de reagentes químicos. A força da abstração deve substituir-se a ambos” (MARX, 2013 p. 78).

O ponto de partida do cientista é, desta forma, a realidade fenomênica e partindo daí ele deve identificar as mediações presentes, apropriar-se destas mediações que refletidas na mente do pesquisador devem ser transformar em conceitos e categorias correspondentes às determinações do real, com este desenvolvimento, no retorno à realidade é possível apreender ainda mais mediações:

O trabalho intelectual que é o ato humano da teorização (abstração), elabora as categorias, e as categorias, por sua vez potencializam o trabalho intelectual, a teorização, o desenvolvimento do universal abstrato em níveis e totalidades crescentemente concretos e, por isso mesmo, também crescentemente complexos. (CARVALHO, 2008 p. 72)

Afirmar que partirmos do fenômeno, da aparência do objeto, não significa que o trabalho científico se limita ao aspecto mais superficial, ao contrário, é na essencialidade objetiva que encontramos o ser do objeto, porém, o fenômeno é o ponto de partida para investigação porque é a manifestação do objeto que pode ser captada imediatamente pelos sentidos e pela percepção, e é ela que revela as



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

mediações para se encontrar a essência e saber porque o objeto se revela tal qual a sua aparência.

Isso significa que não devemos tomar como a verdade dos objetos a sua aparência, ou aquilo que ele apresenta como a sua verdade, pois a essência do objeto se encontra na totalidade das relações que ele estabelece, não é aquilo que diz sobre si, mas o que faz

[...] não se parte aquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida (MARX & ENGELS, 2013 p. 94).

Esta relação entre fenômeno e essência, deve ser observada através de uma série de categorias determinadas, não que devamos utilizar de maneira forçada e dogmática, mas compreendendo a necessidade da utilização de cada conceito e categoria. Entre as mais importantes categorias de uma produção crítica, está a da totalidade, a compreensão de que um todo é formado por partes, e que a compreensão do todo deve ser também a compreensão das partes que o compõem, que sem o todo, também existem as partes.

A realidade social constitui uma totalidade concreta, um complexo de totalidades. A realidade social e o ser social são totalidades constituídas de totalidades. Não são amorfas, nem são iguais: há totalidades de maior grau de complexidade e outras de menor grau. Toda totalidade inserida na totalidade concreta, que é a realidade, tem uma dupla articulação estrutural: é subordinada as totalidades mais complexas e, subordinante, em face das totalidades menos complexas (GUSMÃO, 2013, p. 87).

Desta forma, se desejamos entender, por exemplo, a democracia representativa burguesa, que é uma totalidade subordinada e subordinante, não devemos tomá-la isolada de suas relações, mas compreender a partir das relações



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que ela estabelece com a produção e reprodução da vida que os indivíduos desenvolvem na sociedade durante a produção social da própria existência

[...] os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade [...]. O modo de produção da vida condiciona o processo da vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (MARX, 2008 p. 47)

As formas políticas, ideológicas, religiosas encontram as suas respostas não isoladas em si mesmas, mas na base das relações materiais que os homens desenvolvem para manutenção da sua existência, assim, a organização política de uma época depende imensamente das relações materiais estabelecidas.

Para atingir a essencialidade de uma determinada totalidade, não se faz necessário encontrar todas as incontáveis partes, mas aquelas determinações que são capazes de esclarecer a essencialidade do objeto, compreendendo que há na totalidade uma hierarquia de determinações, que algumas são capazes de revelar mais daquilo que o objeto realmente é no momento histórico da investigação.

Um exemplo desta hierarquia poderia ser dado através da relação entre uma totalidade menos complexa como o indivíduo, uma de grau mais alto de complexidade como a família, outra ainda mais elevada como a classe social, para chegar até todo o corpo social que, neste caso, seria a totalidade mais ampla a de maior influência sobre as outras.

Considerando que nosso método, conforme foi parcialmente descrito acima, se concretize em uma produção de conhecimento, de que maneira podemos verificar a sua veracidade histórica? Vejamos então, um parâmetro essencial para a confirmação da concretude de uma determinada produção científica.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

[...] da sua análise do movimento do capital, Marx extraiu a lei geral da *acumulação capitalista*, segundo a qual, no modo de produção capitalista, a produção da riqueza social implica, necessariamente, a reprodução contínua da pobreza (relativa e/ou absoluta); nos últimos 150 anos, o desenvolvimento das formações sociais capitalistas somente tem comprovado a correção de sua análise, com a “questão social” pondo-se e repondo-se, ainda que sob expressões diferenciadas, sem solução de continuidade. E ainda outro exemplo: analisando o mesmo movimento do capital, Marx descobriu a *impossibilidade de o capitalismo existir sem crises econômicas*; também, no último século e meio, a prática social e histórica demonstrou o rigoroso acerto desta descoberta. (PAULO NETTO, 2011, pp. 23-4, grifos do autor)

A última parte da citação acima é reveladora: “a prática social e histórica demonstrou o rigoroso acerto”, e por que Marx esteve e ainda está certo sobre o seu objeto de pesquisa, o capital, por tanto tempo? Não se tratam de profecias, ou de adivinhações, mas do uso aprofundado do método para construir uma crítica radical do capital, que lhe permitiu apreender o seu movimento histórico, a sua essência mais íntima.

Mas o que acontece quando o pesquisador não é orientado pela crítica rigorosa, mas pela apologia ideológica da sociedade burguesa? O caso de Keynes é exemplar, o pensador afirmou que na “a guerra de classes vai me encontrar do lado da burguesia educada” (KEYNES, apud. MÉSZÁROS, 2012, p. 61) fez pretensiosas previsões acerca do futuro do capitalismo, vejamos o que ele diz sobre o desemprego:

Por *enquanto*, a própria rapidez dessas mudanças [na eficiência técnica] está nos causando danos e provocando problemas difíceis de solucionar. Os países que sofrem relativamente mais são os que não *estão na vanguarda do progresso*. Estamos sendo afetado por uma nova doença [...] isto é, o *desemprego tecnológico* [...]. Mas esta é somente uma *fase temporária de desajuste*. Tudo isso significa que, a longo prazo a *humanidade está solucionando seu problema econômico*. (...) Mas cuidado! Ainda não chegou a hora para isso. Durante pelo menos outros cem anos devemos fingir para nós mesmos e para todos os outros que o bom é ruim e o



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ruim é bom, porque o *ruim é útil e o bom não é*. A avareza a usura e a prudência devem ser nossos deuses ainda por algum tempo. Somente elas podem nos tirar do túnel *da necessidade econômica* para a luz do dia. (ibid. p. 62-3, grifos do autor)

Pelo que podemos ver, de acordo com as contribuições de Paulo Netto (2011) acima citadas, as previsões do ideólogo da sociedade burguesa falharam miseravelmente. Aquilo que Keynes classificou como “fase temporária de ajuste” tem sido a realidade do capitalismo desde antes de sua produção e continua sendo hoje, com um desemprego em escala ainda maior do que em seu tempo (MÉSZÁROS, 2012 p. 64). Além disso, o prazo de cem anos que ele pediu, já está muito próximo de se esgotar e continuamos sob a ordem de “fingir que o bom é ruim e o ruim é bom”.

Ao contrário do que foi verificado com a produção marxiana por Paulo Netto (2011), em que a história validou o resultado de sua produção, no caso de Keynes a prática negou as suas afirmações. Desta forma, o que é necessário para que a produção do conhecimento seja verdadeiramente crítica e atinja a essência do objeto? O primeiro passo é estar de posse de um método científico capaz de dar conta de revelar a totalidade do objeto, o segundo passo é estar comprometido com a produção crítica, agindo de forma independente dos interesses das classes dominantes, sem ter como objetivo a manutenção da ordem social no processo de investigação e exposição.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Edimilson. **A produção dialética do conhecimento**. São Paulo: Xamã, 2008.
- GUSMÃO, Ivanilde Morais de. **Para compreender o método dialético: aplicação prática no pensamento marxiano**. Recife: Imprima, 2013.
- KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã:** Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. **A miséria da filosofia.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular 2008.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

_____. **O Capital:** Crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.